



O



ENXAME



HUMANO

Surgimento,
Desenvolvimento e Queda de
NOSSAS SOCIEDADES

MARK W. MOFFETT



ALTA/CULT
EDITORA

Rio de Janeiro, 2022

SEÇÃO I

Afiliação e Reconhecimento

AMOSTRA

O que uma Sociedade Não É (E o que É)

Vistos do alto da escada do saguão principal da estação Grand Central, em Nova York, os enxames de pessoas se movem agitados sob o famoso relógio de quatro faces. As rápidas batidas dos sapatos no mármore do Tennessee e o burburinho de vozes, aumentando e se dissipando como em uma concha do mar, reverberam pela maravilhosa acústica cavernosa. O teto abobadado, exibindo 2.500 estrelas ao longo de suas trilhas ordenadas em uma noite de outubro em Nova York, cria um perfeito contraponto com o tumulto da humanidade, abaixo.

O grande número e a diversidade de pessoas passando umas pelas outras, ou conversando em grupos aqui e acolá, torna essa cena um microcosmo para a sociedade humana em sua totalidade: não da sociedade como afiliação voluntária de pessoas, mas como um grupo duradouro, o tipo que ocupa um território e inspira o patriotismo. Quando pensamos nessas sociedades, pensamos nos Estados Unidos, no antigo Egito, nos astecas, nos índios hopi — grupos essenciais à existência humana e pilares da nossa história coletiva.

Quais são as características de uma população que formam uma sociedade? Quer você tenha em mente o Canadá, a antiga dinastia Han, uma tribo da Amazônia, quer um bando de leões, uma sociedade é um grupo distinto de indivíduos formado por mais que uma simples família — mais que um ou ambos os pais com um único descendente indefeso —, cuja identidade partilhada os distingue de outros grupos e é sustentada continuamente através das gerações. De fato, ela pode acabar por produzir outras sociedades, como

quando os EUA se separaram da Grã-Bretanha ou um bando de leões se divide em dois. Mais importante, é raro e difícil que a afiliação de uma sociedade mude; esse grupo é fechado, “limitado”. Embora a intensidade da paixão dos seus integrantes à consciência nacional varie, a maioria a valoriza acima de qualquer outra afiliação — seus laços com as famílias nucleares à parte. Essa importância é expressa entre os humanos pelo compromisso em lutar e até morrer pelo bem da sociedade, caso a situação exija.¹

Alguns cientistas sociais veem as sociedades como construtos de conveniência política, um arranjo que surgiu em séculos recentes. Um estudioso com essa visão, o falecido historiador e cientista político Benedict Anderson, entendia as nações como “comunidades imaginadas”, visto que suas populações são numerosas demais para permitir que seus integrantes se encontrem pessoalmente.² De fato, concordo com sua ideia básica. Ao servir para distinguir a *nós*, os que pertencem, *deles*, os estrangeiros, fatos imaginados partilhados é tudo de que precisamos para criar sociedades que são entidades genuínas e organizadas. Anderson também sugeriu que essas identidades imaginárias são produtos artificiais da modernidade e dos meios de comunicação de massa, e é aqui que nós dois divergimos. Fatos imaginados partilhados unem as pessoas com uma força mental tão válida e real quanto a força física, que une átomos a moléculas, transformando ambos em realidades concretas. Tem sido assim o tempo todo. Na verdade, o conceito de comunidades imaginadas aplica-se não só a sociedades modernas, mas a todas as sociedades de nossos ancestrais, provavelmente desde suas origens remotas, pré-humanas. Sociedades de caçadores-coletores, unidas por um senso de identidade comum, não dependiam de seus membros criarem relações individuais — ou de conhecer uns aos outros, como veremos; também entre outros animais, as sociedades são representadas de modo consistente na mente de seus membros e, nesse sentido, também são imaginadas. Isso não desvaloriza as sociedades de seres humanos. As sociedades estão enraizadas na natureza e, mesmo assim, floresceram de formas elaboradas e significativas que obviamente são próprias de nossa espécie, tema que discutiremos neste livro.

Acredito que o ponto de vista que apresento capta o que a maioria das pessoas pensa quando falamos de “sociedade”. Naturalmente, os termos diferem, e nenhuma sociedade animal equivale a uma humana, assim como nenhuma sociedade humana é equivalente a outra. Para os preocupados em saber onde colocar um limite, digo: a utilidade de uma definição é mais bem provada pelo

quanto aprendemos com situações anômalas, em que a palavra não funciona bem. Se insistirmos, qualquer definição, que não de termos matemáticos e outras abstrações, será derrubada. Mostre-me um carro e lhe mostrarei uma pilha de lixo que já funcionou como carro (e, talvez, na mente de um mecânico ainda seja um). Mostre uma estrela a alguém, e um astrônomo apontará para uma massa de poeira convergente superaquecida. O que caracteriza uma boa definição não é apenas delimitar um conjunto de x 's, mas também percorrer mais de um caminho quando x se torna teoricamente intrigante.³ Logo, há países que ampliam minha visão de sociedade como um grupo distinto com uma identidade partilhada norteadora. Por exemplo, o Irã conta com vários curdos entre seus cidadãos, apesar de o governo reprimir sua identidade como grupo, enquanto esses curdos se veem como uma nação separada e reivindicam direitos ao próprio território. Situações em que grupos como os curdos têm identidades que se chocam com a sociedade esclarecem fatores que servem, com o tempo, para empoderá-la e expandi-la, ou separá-la e se iniciar uma nova.⁴ Conflitos quanto à identidade também surgem em sociedades de animais.

Muitos biólogos e antropólogos apresentam uma definição diferente de sociedade, descrevendo-a não em termos de identidade, mas como um grupo organizado de forma colaborativa.⁵ Embora os sociólogos reconheçam a colaboração como vital ao sucesso das sociedades, é raro equipará-las a um sistema de cooperação.⁶ Mesmo assim, fica fácil pensar em uma sociedade dessa maneira, e por motivos óbvios: os seres humanos evoluíram de tal modo que a cooperação é essencial à sua sobrevivência. Os seres humanos superam outros animais em termos de cooperação, aprimorando suas habilidades para comunicar suas intenções e inferir a dos outros para atingir metas partilhadas.⁷

O QUE NOS MANTÊM UNIDOS

Ao considerarmos a cooperação, comparada à identidade social, como uma característica essencial das sociedades e base para distinguir uma da outra, é interessante começar pela hipótese dos antropólogos sobre a origem da inteligência. Ela pressupõe que as relações sociais se desenvolveram conforme nossos cérebros aumentaram, cada qual impulsionando o tamanho e a complexidade um do outro.⁸ O antropólogo de Oxford Robin Dunbar descreveu a correlação entre o tamanho do cérebro de uma espécie — mais exatamente, o

volume do neocórtex — e a quantidade média de relações sociais individuais que admite. Nossa proximidade com os chimpanzés, de acordo com os dados de Dunbar, admite cerca de 50 parceiros de coalizão ou aliados: chamando de amigos os desses 50 com os quais colabora com maior generosidade.⁹

Pelos cálculos de Dunbar, a pessoa comum mantém cerca de 150 relações próximas, e os amigos do peito mudam com o tempo, à medida que novas amizades são feitas e perdidas. Dunbar caracteriza essa quantidade como “as pessoas que você não se sentiria constrangido em acompanhar em um drinque se as encontrasse em um bar”.¹⁰ Ele ficou conhecido como o número de Dunbar.

A “hipótese do cérebro social” dá muita margem à discussão. Para começar, ela é reducionista: não há dúvidas de que há vantagens em ter muita massa cinzenta além de ficar ligado aos Toms, Dicks e Janes que conhece — encontrar comida, fabricar ferramentas e outras habilidades que também exigem esforço cognitivo. O contexto também é importante. Em uma conferência profissional, por exemplo, é provável que um acadêmico partilhe interesses com vários dos participantes e se junte de boa vontade a várias pessoas não convidadas naquele bar. Além disso, a amizade não é uma categoria binária de sim/não. Se o número de Dunbar fosse 50 ou 400, simplesmente teria indicado um maior ou menor grau de intimidade e relações básicas.

No entanto, não importa quantos recursos intelectuais sejam destinados às relações, nossos círculos sociais nem chegam perto do tamanho de estados-nações. A disparidade entre a capacidade de criar espaço em nossa vida para 150 amigos próximos e a competência de um chimpanzé de lidar com 50 é pequena para explicar as sociedades atuais, com suas dimensões impressionantes — ou mesmo as menores sociedades do passado. Na verdade, nunca houve uma sociedade humana, da Idade da Pedra à Era da Internet, formada somente, por um segundo, de um grupo de irmãos: um círculo de amigos e familiares vivendo com admiração mútua. Pensar de outro modo seria entender mal a natureza da amizade e, portanto, nossas redes de amigos. Na superpopulosa Índia; na ilha-nação Tuvalu, na Polinésia, com seus 12 mil cidadãos; ou entre a minúscula tribo El Molo, nas margens do lago Turkana, no Quênia, ninguém faz amizade ou coopera com todos na sociedade: eles são seletivos. Quando Jesus disse: “Ame o teu próximo como a ti mesmo”, ele não quis dizer ser amigo de todos. Deixando El Molo de lado, nossas sociedades incluem muitas pessoas que nunca conheceremos, muito menos de quem seremos amigos. E esqueça

os que não selecionamos como amigos, ou os que nos rejeitam — nosso pior inimigo quase certamente carrega um passaporte do nosso país.

Dados sobre a forma como indivíduos interagem revelam a mesma discrepância entre o número de Dunbar para uma espécie e o tamanho de suas sociedades. Uma sociedade de chimpanzés, chamada de comunidade, tem muito mais que cem integrantes, mas até em uma comunidade de cinquenta, que pelos cálculos de Dunbar consistiria de amigos do peito, isso não ocorre.¹¹

As “limitações cognitivas sobre o tamanho do grupo” (frase de Dunbar), que intrigam alguns defensores da hipótese do cérebro social, ocorrem por causa da confusão das redes sociais (em que elos sociais variam em força e dependem da perspectiva de cada pessoa — descritos, por exemplo, pelo número de Dunbar) e de grupos distintos (mais notadamente as próprias sociedades).¹² Ambos desempenham um papel na vida dos humanos e outros animais. As sociedades, com seus limites ambíguos, proporcionam o solo mais rico em que redes cooperativas de longa duração, embora talvez dinâmicas, podem crescer. Apesar de, às vezes, as redes abrangerem todo mundo, elas se desenvolvem melhor entre os membros que se dão bem com todos, com base na inteligência e nas habilidades de cooperação à disposição de todas as pessoas.

As sociedades, então, marcadas como diferentes umas das outras pela identidade de seus membros, contam com mais que redes pessoais de aliados. E, diferentemente de outras espécies, os seres humanos mantêm a vida social ativa e as redes sociais fortes com diversas regras, que variam conforme a sociedade. Debates práticas — e penalidades — para promover diálogos equilibrados e comportamentos éticos que funcionem para o bem comum. O lixeiro faz sua parte recolhendo o lixo de estranhos em troca de um pagamento. Ele compra café do lojista da esquina, que não conhece, e fala com centenas de desconhecidos na igreja ou em uma reunião do sindicato. Mas o controle dessas interações tem limites. A despeito do partilhamento dos benefícios econômicos e de defesa que uma sociedade confere, divergências entre facções, principalmente sobre fazer sua parte e o bem comum, podem ser dolorosas. Entretanto, esses conflitos são os que menos importam. Nenhuma sociedade existe sem crimes ou violência (a antítese da cooperação) cometidos por um membro ou grupo contra outro. No entanto, sociedades podem perdurar por séculos mesmo se a disfunção acelerar sua dissolução — o Império Romano vem à mente de imediato, embora tenha havido inúmeras outras.

Em geral, porém, as sociedades favorecem a cooperação. Provavelmente é preciso muito mais egoísmo e desagregação para dividir uma sociedade do que a intuição sugere. Em *The Mountain People* [*O Povo da Montanha*, em tradução livre], Colin Turnbull, o antropólogo nascido na Inglaterra, relatou a decadência moral entre os Ik, de Uganda, durante o período de fome extrema nos anos de 1960 que provocou um descaso com os elos sociais e causou a morte de crianças e idosos. O relato de Turnbull mostrou até que ponto uma sociedade se desfaz em condições de estresse; entretanto, os Iks perseveraram.¹³ Da mesma forma, a Venezuela permanece intacta apesar dos repetidos colapsos econômicos e da taxa de homicídios na capital, Caracas, que em alguns anos supera as mortes nas zonas de guerra. Sempre que visito um amigo intrépido lá, ele nos leva em alta velocidade pelas angustiantes ruas secundárias a fim de evitar tiroteios dos *motorizados* na rodovia. Apesar de tudo, ele ama o lugar. O surpreendente é que os venezuelanos têm tanto apego e orgulho por seu país quanto os norte-americanos pelo deles.¹⁴ As sociedades sobreviveram a situações piores. Por exemplo, durante a corrida do ouro na Califórnia, a taxa de homicídios foi extraordinariamente maior do que a da atual Venezuela.

Embora divergências e atitudes ofensivas abalem a estrutura das sociedades, seu equivalente positivo, a cooperação, não necessariamente as une ou as separa das demais. Isso ocorre mesmo quando a cooperação contribui para o capital social que se forma entre seus membros e melhora a produtividade do todo. O maior problema na previsão da vida em uma sociedade com cooperação é que ignora grande parte do que é desafiador para sua existência. O teórico social do século XIX Georg Simmel interpretou a cooperação e o conflito como inseparáveis “formas de associação”, inimagináveis uma sem a outra.¹⁵ Focar demais a cooperação equivale à difícil tarefa de selecionar só o melhor.

Nas sociedades de nossos parentes símios, gentileza e cooperação também são apenas uma parte do quadro geral. Chimpanzés intimidam uns aos outros ou brigam abertamente por status, quando os perdedores acabam afastados ou mortos. A insignificante ajuda que os símios oferecem, fora das ligações mãe-filho, ocorre quando vários animais trabalham juntos para desbancar oponentes, lutando para que um deles conquiste o status de macho alfa. Segundo alguns relatos, chimpanzés também se unem para perseguir macacos *piliocolobus*, matando o oponente, agindo em paralelo mais do que em colaboração. Qualquer que seja o chimpanzé que acabe com a carne, ele pode dar um pedaço aos demais, mas somente depois de implorarem.¹⁶ Os bonobos,

que se parecem chimpanzés com cabeças pequenas e lábios cor-de-rosa, são mais caridosos, mas roubam comida dos companheiros de sociedade quando podem e não são muito inclinados ao trabalho em equipe.¹⁷

Até mesmo insetos sociais, o próprio símbolo da cooperação irracional, enfrentam conflitos domésticos e agem com egoísmo. Embora na maior parte das espécies de insetos sociais a rainha normalmente seja a única a reproduzir, entre as abelhas e algumas formigas, algumas operárias botam ovos de forma subversiva. Seus ninhos são verdadeiros estados policiais, com as operárias em uma busca vigilante para destruir quaisquer ovos que não sejam da rainha.¹⁸ Qualquer que seja a espécie, os indivíduos que não contribuem puxam os outros para baixo; como as espécies, de artrópodes a humanos, lidam com trapeiros e impõem um comportamento justo é um campo de estudo à parte.¹⁹

Considerando uma sociedade com suas associações definidas, geralmente de animais, quanta cooperação é necessária para mantê-la unida? Em teoria, não muito. Expulsar estrangeiros pode ser a colaboração mínima exigida. Imagine uma criatura solitária que controla um espaço ou território exclusivo e atira pedras em todos que se aproximam. Então, imagine algumas criaturas semelhantes ocupando um território juntas. Cada uma atira pedras em outsiders exatamente como antes, mas com uma diferença: elas se ignoram. Esse acordo tácito de “não fazer mal”, por assim dizer — de coexistir em paz —, gera um tipo de cooperação rudimentar.

Naturalmente, as sociedades poderiam não ter evoluído se não oferecessem vantagens competitivas para o grupo (biólogos evolutivos chamam isso de seleção de grupo), os membros ou ambos.²⁰ Qual seria o atrativo para um bando tão impiedoso? Tal sociedade faria sentido se, por exemplo, dez animais que atirassem pedras dessa forma conquistassem mais que dez vezes o território que teriam sozinhos, ou ocupassem um território de melhor qualidade com menos esforço ou risco para cada membro. Pode ocorrer também que, pelo simples fato de manter os outros afastados, eles excluam aqueles cuja habilidade em atirar pedras é precária ao mesmo tempo que partilham de oportunidades exclusivas para se acasalar uns com os outros (mesmo que haja muitos conflitos internos sobre quem fará sexo com quem).

Estudos do reino animal mostram que sociedades podem existir com apenas um pouco de comportamento “pró-social” entre os membros: chame-o de protocooperação, talvez fazer boas ações por acidente.²¹ O lémure-de-cauda-anelada de Madagascar chega perto de exibir essas expectativas mínimas; os

membros do bando ajudam pouco uns aos outros, exceto para juntar forças para atacar outsiders.²² Um especialista é da opinião de que as marmotas, um tipo de esquilo alpino, nem mesmo gostam umas das outras, mas, mesmo assim, acham que se amontoar para se aquecer é motivação suficiente para ficarem juntas, enquanto outra autoridade descreveu o clã do sociável texugo como “uma comunidade fechada de animais solitários”.²³ Até mesmo as pessoas mantêm-se comprometidas com grupos com cujos membros não se dão bem, sendo essa ajuda muitas vezes dependente do que a sociedade exige de nós.²⁴

SOCIEDADES QUE SE DÃO BEM

Quando os navios espanhóis *Santa Maria*, *Pinta* e *Niña* chegaram ao Novo Mundo, uma sociedade os saudou e outra foi escravizada. O grupo total de índios tainos, uma tribo aruaque descrita por Cristóvão Colombo como “nus em pelo, como vieram ao mundo, homens e mulheres”, nadou e remou em canoas para receber os recém-chegados. Sem entender uma palavra que os espanhóis falavam, os índios os cobriram de água doce, comida e presentes. Colombo registrou uma reação mais irônica em relação aos índios: “Eles seriam ótimos servos [...] Com cinquenta homens, poderíamos subjugar-los e obrigá-los a fazer tudo o que quiséssemos... Assim que cheguei às Índias, na primeira ilha que encontrei, tomei alguns nativos à força a fim de aprenderem e me darem informações sobre tudo o que havia naquelas paragens.”²⁵

O forte contraste entre esses dois enfoques alternativos, um de total confiança e outro de esperteza e exploração, é perturbador, mas dificilmente nos choca. Os seres humanos têm o talento de identificar quem faz parte ou não da nossa sociedade, e de criar um limite sólido entre o que os psicólogos chamam de endogrupos e exogrupos, mesmo quando somos amistosos com este último. Aprendemos desde a infância a considerar estrangeiros como uma possível ameaça ou — como os aruaques e Colombo fizeram, de formas diferentes — como uma oportunidade.

Assim, encontramos outra evidência de que a cooperação nem sempre indica onde uma sociedade termina e a próxima começa. Alguns em meio à multidão no saguão da Grand Central são, sem dúvida, estrangeiros promovendo relações produtivas com cidadãos dos EUA. Logo, assim como é possível ter inimigos e aliados na própria sociedade, também é possível que membros de uma sociedade se comuniquem com os de outra em nome da amizade e da

cooperação. A camaradagem também ocorre entre sociedades não humanas — embora raramente. O bonobo é chamado de macaco hippie por preferir a paz à provocação. No entanto, aposto que bonobos isolados encontram adversários ocasionais em outras comunidades. Nem um pacifista se dá bem com todo mundo.

A facilidade com que as pessoas hoje voam para outros países levou os contatos com estrangeiros a um novo nível, que, como veremos mais tarde, não tem paralelo na natureza. De fato, a vida moderna desafia nossa tolerância em relação aos outros torcendo e expandindo nossas identidades de novas formas. Mas as sociedades permaneceram conosco o tempo todo.

COOPERAÇÃO SEM SOCIEDADES

Acompanhar Terry Erwin em uma floresta tropical peruana significa levantar de madrugada. Enquanto o vento ainda sopra fraco, esse entomologista do Museu de História Natural Smithsonian carrega uma máquina chamada “fogger” [bomba de inseticida] com um inseticida biodegradável e mira seu jato para o alto para que uma névoa cinza-clara suba entre as árvores. Ouve-se o leve barulho da chuva, mas a água não cai — em vez disso, o tamborilar vem do som de minúsculos corpos atingindo as folhas espalhadas no chão. Ao longo dos anos, Erwin aprendeu o quanto os trópicos são ricos. Segundo seus cálculos, 30 bilhões de indivíduos, pertencentes a 100 mil espécies, vivem em um único hectare da floresta tropical.²⁶

Para onde quer que eu vá, me espanto com a diversidade dos seres vivos. Os dados de Erwin e de outros nos fazem analisar as sociedades a partir do ponto de vista da biodiversidade global, o mais amplo possível. O surpreendente é que a maioria dos organismos sobrevive como indivíduos solitários. Isso se aplica a mais que 99% das espécies empoleiradas nas árvores, no Peru ou em qualquer outro lugar. Excetuando a necessidade de acasalamento e de criar os filhotes, nem sempre ficar junto dos outros é óbvio. Capazes de sentir prazer na companhia dos outros, os seres humanos raramente pensam nessa questão. Contudo, seres semelhantes, pessoas ou pássaros, são concorrentes em potencial para os mesmos recursos: comida e água, oportunidades de sexo e um lugar para chamar de lar e criar os descendentes. Em muitas espécies, os indivíduos se agrupam apenas incidentalmente, para lutar ou brigar por comida, como muitos esquilos à cata de nozes. A existência solitária é uma abordagem

segura para conservar o que foi difícil de conquistar. Para que a vida em meio à multidão valha a pena — qualquer multidão, quanto mais toda uma sociedade — é preciso ganhar algo ao se lidar com os necessitados e gananciosos.

Uma opção é cooperar com os outros quando a situação é adequada, e isso possivelmente sugere uma última dificuldade em associar a cooperação às sociedades: embora indivíduos cooperativos sejam considerados sociáveis, isso não significa que formam uma sociedade. Em seu importante livro *A Conquista Social da Terra*, o ecologista Edward O. Wilson observa que animais sociais — que em certo ponto da vida se aproximam para obter algo mutuamente vantajoso — estão em todos os lugares.²⁷

Mesmo assim, poucas espécies chegaram ao status de sociedades evolutivas. Observe duas unidades sociais básicas: um casal, e a mãe com filhotes. Nem todos os animais exibem até mesmo esses tipos de par social. O salmão solta os ovos para serem fertilizados em uma coluna de água, e as tartarugas abandonam as ninhadas após esconderem os ovos na areia. No entanto, recém-nascidos e filhotes são frágeis, então é estratégico sustentá-los enquanto são indefesos. Entre todos os pássaros e mamíferos, e em algumas espécies de outras classes de animais, as mães cuidam dos filhotes em um período crítico. Em alguns casos, como no do tordo-americano, os pais ajudam. Mesmo assim, geralmente é tão duradoura e extensa quanto o grupo pode ser: a maioria dessas pequenas famílias opera sozinha, não como parte de uma sociedade duradoura.

Tampouco redes de aliados ou amizades íntimas precisam de uma sociedade para florescer. Por exemplo, orangotangos não têm sociedades e vivem solitários a maior parte do tempo, mas a primatologista Cheryl Knott disse-me que as fêmeas que se conhecem na adolescência passam um tempo juntas vez ou outra ao longo da vida. Ou note que dois ou mais guepardos, apesar de muitas vezes não serem irmãos, colaboram para defender o território.²⁸ No entanto, segundo minhas estimativas, amizades, diferentemente de parceiras sexuais, prosperam nas sociedades — um padrão que sugere que afiliações confiáveis em sociedades proporcionam uma base estável para o tipo de relação íntima que intriga os adeptos da hipótese do cérebro social.

Contudo, estar com os outros — mesmo que em relações passageiras, não especificamente estabelecidas para criar filhos ou amizades — pode ser benéfico. Pense em coros de pássaros que vêm e vão como adolescentes barulhentos em uma festa. A formação desses bandos é uma ocasião social que atrai quem

quer que esteja por perto, protegendo os pássaros de predadores, ligando-os aos seus parceiros ou agitando insetos para comer.²⁹ Alguns pássaros queimam menos energia migrando em formação em V do que voando sozinhos. Cardumes de sardinhas e manadas de antílopes oferecem recompensas semelhantes mesmo que os participantes não se comprometam com uma combinação específica.³⁰ Além desses benefícios compartilhados, também há casos de altruísmo, no qual um animal se prejudica, em algum nível, para ajudar os outros. Alguns vairões nadam à frente para examinar o predador, enquanto o cardume aparentemente aprende o quanto a situação é perigosa a partir de quão agressivamente o predador reage.³¹ Quando a família está envolvida, essa generosidade tem uma lógica evolucionária especial, porque os indivíduos favorecem seus genes ao ajudar os parentes, como mostrado de um jeito elementar por um casal de tordos criando seus filhotes: isso é seleção de parentesco.

A proximidade oferece uma segurança em números totalmente egoísta, como observei, quando era estudante, em minha expedição tropical. Na Costa Rica, juntei-me ao lepidopterista Allen Young, que me pediu para registrar o comportamento das lagartas da borboleta asa de tigre. As lagartas irregulares comeram as folhas de uma erva daninha, descansaram e formaram grupos unidos. Aranhas e vespas eram a desgraça de sua existência; as lagartas que ficavam no exterior no grupo eram as primeiras escolhidas e mortas pelos predadores. Concluí que seu instinto de sobrevivência as fazia se apertar em um monte, cada uma empurrando a outra, deixando as mais fracas à morte. Ao escrever os resultados, descobri que W. D. Hamilton, um famoso biólogo, já tinha proposto esse comportamento centrípeto para cardumes, bandos de mamíferos etc., e lhe dado um nome: bandos egoístas.³² Apesar de seu egoísmo, minhas lagartas ajudavam umas às outras, mesmo que só por acidente. Sozinhas, elas tinham dificuldade em cortar as duras folhas penugentas para comer; como grupo, tinham um melhor resultado, já que a primeira lagarta conseguia abrir a folha para todas se alimentarem.³³

O ponto importante é que minhas lagartas — como cardumes de vairões, tordos cuidando dos filhotes, ou bandos de gansos — cooperam, mas não têm sociedades. Enquanto as companheiras eram do mesmo tamanho, quando combinei os filhotes de suas espécies, as larvas pareciam se dar bem umas com as outras. O mesmo ocorre sempre que indivíduos se juntam de qualquer jeito, por exemplo, quando lagartas da mariposa barraca oriental se unem para tecer uma barraca de seda, que é maior e protege mais do frio.³⁴ Da mesma

forma, o pássaro africano mostrado como um tecelão social insere seu ninho entre muitos outros para produzir uma estrutura comunal que proporciona ar condicionado para todos os residentes. Os pássaros entram e saem dessas colônias à vontade, embora ao longo de meses, e não constantemente, como ocorre em vários bandos. Apesar de alguns pássaros se conhecerem, uma colônia, como um bando, não é fechada para estranhos. Qualquer recém-chegado é tolerado, contanto que encontre um lugar para construir seu ninho.³⁵

Resumindo, os que equiparam sociedades com cooperação não entenderam bem a situação. Uma sociedade típica abrange todos os modos de relações, positivos e negativos, amistosos e conflituosos. Considerando que a cooperação floresce dentro e entre sociedades, e onde não há sociedade alguma, elas são mais bem concebidas não como uma reunião de cooperadores, mas como um tipo de grupo no qual todos têm uma percepção clara de participação, criada por uma identidade partilhada e duradoura. A afiliação em sociedades de seres humanos e de outras espécies é uma questão de sim/não, raramente ambígua. Embora as perspectivas de alianças, por amizade, laços de família ou obrigações sociais, estejam entre os principais ganhos de adaptação em sociedades de muitas espécies, não são necessárias à equação. Um misantropo sem família, cheio de desprezo pela humanidade, ainda pode reivindicar sua nacionalidade. Isso é verdade se ele vive como um eremita fora do sistema ou um parasita de outros dentro dele.³⁶ Os membros de uma sociedade são unidos por sua identidade, estejam ou não em contato regular ou dispostos a se ajudarem — embora a afiliação que tenham em comum seja um primeiro passo sólido para concretizar essas relações.

Então, o que veio primeiro, o ovo ou a galinha — a afiliação ou a cooperação? Se deve haver mais que o mínimo necessário de colaboração para as sociedades evoluírem, ou se afiliações precisam ser desenvolvidas antes que seja provável ter uma cooperação de longo prazo continua uma pergunta sem resposta. Qualquer que seja o caso, o próximo capítulo apresenta as muitas vantagens que as sociedades oferecem aos nossos primos vertebrados na natureza.

O que os Vertebrados Ganham por Viver em Sociedade

Animais que vivem em sociedade passam por dificuldades tanto quanto espécies solitárias. Eles enfrentam conflitos sobre o que cabe a cada um, o direito ao acasalamento, formar uma família e criar os descendentes. Nem todos conseguem. A afiliação proporciona certa segurança para enfrentar o mundo. Isso se aplica até a sociedades cujos membros fazem pouco uns pelos outros além de expulsar intrusos. A expectativa é que fazer parte de uma sociedade bem-sucedida ou dominante permita a cada membro conseguir uma fatia maior da torta do que a porção que conseguiria sozinho ou em uma sociedade mais fraca. Embora grupos livres e temporários tenham vantagens, quando os animais se adaptam a uma vida em sociedades permanentes, voltar a sobreviver sozinho pode representar um problema. Qualquer um fora de uma sociedade ou em uma sociedade decadente corre riscos.

Os vertebrados e, mais especificamente, os mamíferos, são um bom ponto de partida para considerarmos os benefícios das sociedades, principalmente pelo fato de sermos mamíferos e nossa evolução como tal ser um tema importante deste livro. Isso não significa que outros vertebrados não tenham sociedades. Em algumas espécies de pássaros, como na do gaio dos arbustos, filhotes ajudam os pais a criar os irmãos mais novos; considerando essa “sobreposição de gerações”, como os biólogos a descrevem, seus grupos representam um tipo simples de sociedade. Ou pense no ciclídeo morador de conchas, *Neolamprologus multifasciatus*, um peixe nativo do lago Tanganica, na África.¹ Sociedades de até vinte ciclídeos vigiam um grupo de conchas que escavam

nos substratos. Cada peixe tem sua morada em uma concha pessoal no que um biólogo descreveu como um “complexo de apartamentos que deixaria os alojamentos públicos modernos orgulhosos”.² Um macho alfa cuida da reprodução, e outsiders de qualquer sexo se introduzem entre os membros da colônia apenas em raros intervalos.

Os mamíferos que vivem em sociedades são muito mais conhecidos e discutidos do que os peixes e pássaros que o fazem.³ Mesmo assim, revisitá-los pensando em afiliação e identidade gera novas perspectivas. Pense em dois exemplos amados, os cães-da-pradaria da América do Norte e os elefantes das savanas africanas. Ambos têm sociedades, mas não são os grupos que atraem mais atenção. As pessoas pensam nos cães-da-pradaria como seres que vivem em colônias ou cidades e elefantes em manadas; no entanto, uma colônia ou manada raramente é uma sociedade, mas uma multiplicidade de sociedades, antagonicas entre os primeiros, e muitas vezes convivias nos segundos.

Nenhum cão-da-pradaria se identifica ou luta por uma colônia; em vez disso, sua lealdade é destinada a um dos pequenos grupos que ocupam um terreno dentro dela, às vezes chamados de confrarias (a palavra é apropriada e significa um grupo exclusivo). Talvez na mais estudada das cinco espécies de cães-da-pradaria, o cão-da-pradaria-de-cauda-curta, cada confraria contém até quinze adultos em idade reprodutiva, incluindo um ou mais de cada sexo, ocupando uma área fortemente defendida de até um hectare de extensão.⁴

Em comparação, os elefantes da savana são muito sociáveis em suas populações; no entanto, um grupamento merece ser chamado de sociedade.⁵ Os grupos de núcleo, ou simplesmente núcleos, têm como membros até vinte fêmeas adultas, acompanhadas das crias. As sociedades são assunto das fêmeas. Cada macho segue seu caminho quando chega à maturidade e nunca participa do núcleo. Geralmente, os núcleos são identificados por suas reações mútuas, mesmo quando centenas de elefantes e muitos núcleos socializam. Para manter as afiliações distintas, eles evitam que outsiders, mesmo animais de quem gostam, passem muito tempo com eles. As relações entre os núcleos são complexas. Eles criam conexões, os elos grupais, mas essas redes sociais são inconsistentes, com diferenças de opinião sobre quem participa delas — o núcleo A pode se ligar ao B e C, ao mesmo tempo em que C evita B. Apenas os próprios núcleos de elefantes conservam uma afiliação constante de longo prazo.

A vida do elefante da savana em um núcleo difere da vida das outras duas espécies, o elefante da floresta da África e o asiático, que, embora sociais, não